



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**MAYANE ARAÚJO DE MELO**

**MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO ÂMBITO ESCOLAR: um estudo de caso na  
Escola Santa Ângela em João Pessoa/PB**

**JOÃO PESSOA  
2018**

**MAYANE ARAÚJO DE MELO**

**MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO ÂMBITO ESCOLAR: um estudo de caso na  
Escola Santa Ângela em João Pessoa/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

**Área de concentração:** Estudos de Paz

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann

**JOÃO PESSOA  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528m Melo, Mayane Araújo de.  
Mediação de conflitos no âmbito escolar [manuscrito] : um estudo de caso na Escola Santa Ângela em João Pessoa/PB / Mayane Araujo de Melo. - 2018.  
41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas , 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann ,  
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Mediação escolar. 2. transformação de conflitos. 3.  
Cultura de paz. 4. Mediação de conflitos.

21. ed. CDD 370.11

MAYANE ARAÚJO DE MELO

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO ÂMBITO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO NA  
ESCOLA SANTA ÂNGELA EM JOÃO PESSOA/PB

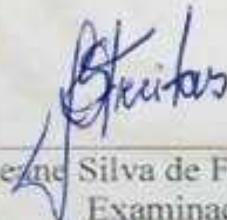
Monografia apresentada ao Curso de Relações  
Internacionais da Universidade Estadual da  
Paraíba.

Aprovado(a) em 20.06.2018.



---

Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann/UEPB  
Orientador(a)



---

Jeane Silva de Freitas/UFPE  
Examinador(a)



---

Fábio Rodrigo Ferreira Nobre/UEPB  
Examinador(a)



Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre trabalharam arduamente para garantir a minha formação, tanto profissional quanto pessoal, ensinando-me a ser uma pessoa correta e justa. Amo vocês de todo o meu coração. A minha tia Fátima e a minha querida vó Maria de Tota, *In memoriam*, Mulheres fortes que lutaram até os últimos dias de suas vidas, ensinando-me que jamais devemos desistir dos nossos sonhos. Eternas saudades!

## Agradecimentos

Primeiramente, a Deus por essa conquista, aos meus pais, Esmeraldina e Manoel pelo exemplo de vida e de luta durante toda essa minha caminhada, com muito amor, carinho e dedicação. Obrigado!

Aos meus irmãos Mayara e Emerson pela confiança e apoio nos momentos difíceis, a meu noivo Pedro Paulo por esta sempre ao meu lado dando todo apoio para continuar em busca dos meus objetivos.

Aos meus primos/irmãos Orianna, Oziel, Jaciara, Jackson, Luciene e em especial ao meu tio Orlando, que me acolheram em suas casas, ajudando-me de muitas formas e sempre com muito amor e carinho durante toda a minha caminhada até aqui. Obrigado!

Aos meus amigos Cesinha e Cassy, que amo muito e que me deram força e apoio para continuar o curso e enfrentar os momentos difíceis longe das nossas famílias e colaborando para o meu crescimento pessoal, intelectual e profissional. Gratidão!

As *Black Power*, Suerda, Gerly, Kaly, que me ajudaram e apoiaram no momento de adaptação na cidade de João Pessoa e no curso de Relações Internacionais.

À família PUA, o projeto mais lindo da UEPB, em especial os pu@nosSuerda, Gerlienne, Kaliandra, Edith, Raabe, Sabrina, Jeferson, Pedro, Luan, Luís e Arthur, muito abrigado pela troca de experiências e pelos ensinamentos compartilhados.

Ao pai da família PUA e (des)orientador prof. Paulo Kuhlman vulgo (palhaço Mancada Obom), por todo o empenho, dedicação e compreensão com que me orientou nessa jornada. Por ser uma pessoa maravilhosa com um coração imenso, que me apresentou ao caminho dos estudos de paz e artes, demonstrando assim o grandioso ser humano que és. Obrigado!

Aos colegas da Escola Santa Ângela, em especial a psicóloga Ligia, pelo apoio e dedicação no projeto de Mediação Escolar.

A galera do “El cafofo”, Ana Maura, Suerda, Karoll e família, Joalysen, Chris, Larissa, Mayara, Ana Claudia, Jeronimo e Duda, amigas maravilhosas que fiz na universidade e que vou levar para a vida.

A irmandade de RI os Diplomatas, Jessica, Luan, Diego, Laryssa, Lau, Aluisio, Rique, Jake, Rafa, Jan, Baby, Valfrido e a galera da Bahia Maria, Sarah e Filipe. O meu muito obrigado pelos momentos de descontração e conversas acadêmicas nas madrugadas.

Aos meus amigos de turma Ana Clara, Suanderson, Jordy, Renato, Diego e Milena, pelo o apoio em sala de aula e no grupo do *whatsapp*. Aos demais amigos e parentes, os quais sempre estiveram ao meu lado, e que de alguma forma ou de outra, contribuíram para eu continuar a caminhada do meu curso. Gratidão!

Aos professores, Alexandre Leite, Cristina Pacheco, Filipe Reis, Luiza Rosa, Andreia Pacheco, Ana Paula Maielo, Jeane Freitas, Mônica Santana, Fábio Nobre, Jan Marcel, Rômulo e Júlio César, *in memoriam*, pela oportunidade oferecida, alargando os meus conhecimentos e a aprendizagem durante a minha formação acadêmica. Muito obrigado!

Ao pessoal da secretaria de Relações Internacionais, em especial a Sandra e Niedja, pela ajuda, cuidado e dedicação. Sempre que precisei nos períodos de matrículas, reajustes e solicitações de declarações em todo o período da graduação.

Aos meninos da xerox, em especial a Dedé e Matheus, que me socorreram quando o meu PC quebrou e pelos descontos das xerox. Gratidão!

Finalmente à todos que contribuíram diretamente e indiretamente, para a realização deste sonho de concluir um curso superior.

## RESUMO

A mediação escolar vem ganhando espaço e promovendo uma nova abordagem de transformação de conflitos com diferentes formas e abrangendo vários atores da comunidade escolar, em especial o aluno como agente transformador da paz. A partir de uma perspectiva dos Estudos Para Paz (EPP), a mediação é um processo de caráter voluntário e confidencial, conduzido por uma terceira pessoa imparcial, no caso o mediador, que permite a aproximação entre as partes em conflito, apoiando a tentativa de encontrar interesses em comum transformando, assim, o conflito. A ferramenta da mediação escolar trata-se de um meio interativo na resolução de conflitos, é uma abordagem de construção de uma cultura de paz de baixo para cima, de forma que as pessoas da comunidade escolar possam entrar em acordo sem a necessidade de interferências externas para a sua resolução. O objetivo geral deste trabalho é analisar a eficácia da mediação escolar em projetos para resolução de conflitos intra-istitucionais, sendo esta uma das ferramentas para a construção do diálogo e transformação do conflito, proporcionando aos alunos o protagonismo e a capacidade de mediar os próprios conflitos com seus pares de forma pacífica e sem violência, através do projeto de Mediação escolar na escola Santa Ângela. Atendendo a revisão teórica sobre a mediação escolar, como uma ferramenta para a transformação do conflito, e diante da implementação do projeto, os objetivos específicos serão buscar compreender como mediar um conflito sem o uso da força onde pode ser solucionado por meio da mediação; Observar as pratica de mediação e analisar a sua efetividade como uma ferramenta para a cultura de paz; Analisar qual o impacto da mediação na escola Santa Ângela, após a implementação do projeto Mediação Escolar. Para elucidar a abordagem teórica será utilizado o método de estudo de caso, realizado no período de março a maio de 2018, com base na iniciativa de mediação da Escola Santa Ângela, em João Pessoa PB, ainda em implementação, que busca desenvolver um ambiente onde o conflito seja visto como natural, tornando protagonistas os próprios alunos e o corpo docente da escola, enquanto que os valores da tolerância, igualdade e da paz sejam incentivados.

**Palavras Chaves:** Mediação escolar, Transformação de conflitos, Cultura de Paz.

## ABSTRACT

School mediation has been gaining ground and promoting a new approach to transforming conflicts with different forms and covering various actors in the school community, especially the student as a transforming agent of peace. From a Peace Studies (EPP) perspective, mediation is a voluntary and confidential process, conducted by an impartial third party, in this case the mediator, which allows for the rapprochement between the conflicting parties, supporting the attempt to find interests in common, thus transforming conflict. The school mediation tool is an interactive form in conflict resolution, it is an approach to building a culture of peace from the bottom up, so that people in the school community can come to terms without the need for external interference for its resolution. The general objective of this work is to analyze the effectiveness of school mediation in projects to resolve intra-institutional conflicts, which is one of the tools for the construction of dialogue and conflict transformation, providing students the protagonism and ability to mediate their own conflicts with their peers in a peaceful and non-violent way, through the School Mediation project at Santa Ângela School. Given the theoretical review of school mediation as a tool for conflict transformation, and in the implementation of the project, the specific objectives will be to understand how to mediate a conflict without the use of force where it can be solved through mediation; To observe the practice of mediation and to analyze its effectiveness as a tool for a culture of peace; To analyze the impact of mediation in the Santa Ângela school, after the implementation of the School Mediation project. In order to elucidate the theoretical approach, the case study method, carried out from March to May of 2018, will be used, based on the initiative of the Santa Angela School in João Pessoa PB, still in implementation, that seeks to develop an environment where the conflict is seen as natural, making the students themselves and the faculty of the school protagonists, while the values of tolerance, equality and peace are encouraged.

**Keywords:** School mediation; Conflict transformation; Culture of peace.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1. CONTRUINDO UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ COM A CULTURA DE PAZ</b> .....	12
<b>2. DO CONFLITO A MEDIAÇÃO</b> .....	19
2.1 CONFLITO NA ESCOLA.....	21
2.2 MEDIAÇÃO .....	23
2.2.1 Mediação Escolar .....	26
<b>3. A AÇÃO TRANSFORMADORA DA MEDIAÇÃO ESCOLAR</b> .....	29
3.1 REALIZAÇÃO DO PROJETO .....	30
3.1.1 Capacitação.....	30
3.1.2 Resultado do projeto.....	33
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	36
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38

## INTRODUÇÃO

Os estudos para a paz compreendem a cultura da não-violência e as relações pacíficas no âmbito local, nacional, regional e internacional. O seu surgimento foi no final da década de 1950 nos Estados Unidos e na Europa, com o intuito de pesquisar as causas dos conflitos violentos e as possíveis condições para a promoção da paz. (OLIVEIRA, 2017 p.149).

Diante desse desafio, os estudos para a paz surgiram com o intuito de estudar os conflitos e transformar a cultura da violência em Cultura de Paz. Johan Galtung, em sua obra *Violence, Peace and Peace Research*(1969), parte da premissa de que, para se estudar a paz, é necessário entender a violência. O autor afirma que “a violência está presente quando os humanos são influenciados de tal maneira que suas realizações somáticas e mentais estão abaixo das suas realizações potenciais” (GALTUNG, 1968, p.168) <sup>1</sup>. Isto posto, para a existência de violência deve-se haver um sujeito, um objeto e uma ação. Porém, a violência não pode ser definida por algo tão específico, e sim por diversas dimensões, por se tratar de um conceito amplo.

De acordo com Milani (2003, p.33), a violência é um fenômeno polissêmico que se apresenta em inúmeras modalidades e níveis, o que justifica o uso do termo “violências”, onde suas causas, fatores e agravantes são múltiplos, dinâmicos, alguns imprevisíveis e outros, fora das possibilidades de intervenção do cidadão. Logo, a violência é um dos problemas mais complexos com os quais a humanidade se confronta.

Em relação à violência na escola, SALES (2004, p.92), reitera que “a violência no meio escolar, acaba destruindo os vínculos existentes entre as pessoas, tornando-as cada vez mais individualistas e indiferentes à existência do próximo”. A mediação escolar, como uma das práticas ao combate a violência e a construção de uma cultura de paz, possibilita a todos os envolvidos uma educação em valores a partir do diálogo, porque desenvolve entre as partes a tolerância, o respeito às diferenças, a solidariedade e contribui para a construção de uma democracia mais participativa.

A mediação escolar é uma importante ferramenta para ajudar a resolver e administrar os conflitos que possam surgir no ambiente escolar, possibilitando que os envolvidos nos conflitos busquem resolver seus problemas através do diálogo, com a

<sup>1</sup>“As a point of departure, let us say that violence is present when human beings are being influenced so that their actual somatic and mental realizations are below their potential realizations” (GALTUNG, 1968, p.168).

ajuda de uma terceira pessoa imparcial, o mediador, para facilitar o diálogo entre os componentes da escola.

Sales e Alencar (2007) abordam que a escola é um lugar onde diariamente convivem pessoas com diferentes características e personalidades. Diante disto, é natural que surjam conflitos de várias espécies. Desse modo, é fundamental ter um controle dos problemas que venham a surgir e não interfiram no processo de aprendizagem, para que a paz e o respeito estejam presentes no ambiente escolar (SALES e ALENCAR, 2007, p.2).

A mediação escolar, para Oliveira e Morgado (2009), é um processo de caráter voluntário e confidencial, conduzido por uma terceira pessoa imparcial, no caso o mediador, que permite transformar o conflito através do diálogo entre as partes em conflito, apoiando a tentativa de encontrar interesses em comum transformando, assim, o conflito em algo positivo.

A ferramenta da mediação escolar é um meio interativo na resolução de conflitos que visa a construção de uma cultura de paz de baixo para cima (*bottomup*)<sup>2</sup>, de forma que a comunidade escolar possa entrar em comum acordo, sem a necessidade de interferências externas para a sua resolução. A partir da perspectiva dos Estudos Para a Paz (EPP), voltado para a Educação para a Paz, este trabalho tem como objetivo, a mediação de conflitos no meio escolar. Sendo esta uma das ferramentas, para a construção do diálogo e transformação do conflito, proporcionando aos alunos o protagonismo e a capacidade de mediar os próprios conflitos com seus pares, de forma pacífica e sem violência.

Para a realização deste trabalho foi feito um estudo de caso através da pesquisa-ação na Escola Santa Ângela, João Pessoa PB, onde foi implementado o projeto Mediação Escolar, realizado, com alunos do 3º ao 8º do ensino fundamental, no período de março a maio de 2018. Serão utilizadas entrevistas com alunos, professores, funcionários, equipe técnica e gestores da escola para analisar se houve ou não, alguma redução significativa da violência e dos conflitos na escola. A escolha deste tema se deu a partir da repercussão de praticas e projetos de mediação implementados nas escolas,

<sup>2</sup>Proposta de John Paul Lederach (1997, 2003), para estudar a construção de paz de baixo para cima (*peacebuildingfrombelow*), com o intuito de “transformação do conflito que deve incluir, respeitar e promover os recursos humanos e culturais do cenário em questão. [...] onde o 'local' para Lederach é encarado de uma forma abrangente e dinâmica. [...] uma vez que entende que a paz apenas se constrói envolvendo toda a sociedade, bem como a totalidade do cenário e das dinâmicas do conflito”(SANTOS, 2010, p.148)



para a construção da cultura de paz através da transformação do conflito. A escolha da escola se deu a partir das práticas de sensibilização que vinha sendo trabalhadas à algum tempo através do Projeto Universidade em Ação - PUA, no qual faço parte.

Este estudo propõe-se, a realizar um histórico das pesquisas de mediação no Brasil, e abordar projetos que já tiveram êxito a partir das práticas de mediação na escola. No primeiro momento, será abordado a Educação para a Paz, a cultura de paz e seus impasses. Ulteriormente será tratado sobre mediação tradicional e a mediação escolar, com objetivo de finalizar a pesquisa, será abordada a implementação e as práticas de mediação na escola.

Essa discussão repercute sobre os valores da cultura de paz, sua consolidação e a superação de conflitos no século atual, cuja abordagem, a nível local, propõe um ambiente pacífico e precursor de paz. Pode-se considerar que, com o avançar da pesquisa e das práticas, o projeto de mediação pode ultrapassar os muros da escola e sensibilizar toda a comunidade onde a escola está localizada.

## 1. CONSTRUINDO UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ COM A CULTURA DE PAZ

Os Estudos Para a Paz (EPP) sucederam-se do entendimento dos históricos de grandes violências geradas pelas guerras no mundo que prejudicaram não só as relações entre países e nações em um nível internacional, mas também para o âmbito local. Milani (2003, p31) afirma que, “para que relações de cooperação, respeito e paz prevaleçam numa escola ou comunidade não bastam apenas boas intenções e belos discursos”, mas transformação e reconhecimento desses fatos são indispensáveis para que se realce a importância e a necessidade de se construir uma cultura de paz.

De acordo com Milani (2003) a construção da cultura de paz é um importante debate para:

[...] promover as transformações necessárias e indispensáveis para que a paz seja o princípio governante de todas as relações humanas e sociais. São transformações que vão desde a dimensão dos valores, atitudes e estilos de vida até a estrutura econômica e jurídica, as relações políticas internacionais e a participação cidadã, só para citar algumas. (MILANI, 2003, p.31).

Para a compreensão da cultura de paz, Boulding (2000) *apud* Milani (2003) argumenta que, tanto a cultura de guerra quanto a de paz apresentam raízes profundas na história, tendo ambas se reproduzido lado a lado dentro de uma mesma sociedade. Para a autora, “cultura de paz é uma cultura que promove a diversidade pacífica. Tal cultura inclui modos de vida, padrões de crença, valores e comportamento, bem como os correspondentes arranjos institucionais que promovem o cuidado mútuo e bem-estar” (MILANI, 2003, p.35).

Segundo a Organização Nações Unidas (ONU) a cultura de paz se concretiza através de valores, atitudes, comportamentos e estilos de vida que conduzem à promoção da paz entre indivíduos, grupos e nações. Compreendendo que tal processo não pode depender apenas dos Estados-Nações, em 20 de novembro de 1997, a ONU proclamou o ano 2000 como o Ano Internacional da Cultura de Paz. Processo esse que marca o início da mobilização mundial com parcerias globais de movimentos existentes, para juntos concretizar e transformar os princípios norteadores da cultura de paz. (FEITOSA & FEITOSA, 2013).

Em 10 de novembro de 1998, por meio de nova resolução, a ONU declara a década 2001-2010, como a Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não

Violência em Benefício das Crianças do Mundo, com o objetivo de “reforçar o movimento global formado e apontando a UNESCO como a agência líder, responsável por coordenar as atividades do sistema ONU e de outras organizações” (UNESCO, 2010, p.10).

Segundo Oliveira (2006), a proposta da cultura de paz é promover o diálogo entre os indivíduos, e fomentar a tolerância, a pacificidade e a consciência das disparidades humanas e de suas culturas. Em 1999, na Declaração e Programa de Ação sobre uma cultura de paz, a ONU definiu a cultura de paz da seguinte maneira:

Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados no: respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; [...] no compromisso com a solução pacífica dos conflitos; Nos esforços para satisfazer as necessidades de desenvolvimento e proteção do meio-ambiente para as gerações presente e futuras; No respeito e promoção do direito ao desenvolvimento; No respeito e fomento à igualdade de direitos e oportunidades de mulheres e homens; No respeito e fomento ao direito de todas as pessoas à liberdade de expressão, opinião e informação; Na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações; e animados por uma atmosfera nacional e internacional que favoreça a paz (ONU, 2004).

Com base nesta definição da ONU, percebe-se que o conceito de paz não deve ser relacionado à inatividade ou estagnação, mas a esforços de todos os povos de forma dinâmica, para que os conflitos sejam superados sem a utilização de meios violentos. Desse modo, a cultura de paz não exclui a existência dos conflitos, mas os transforma de forma pacífica.

Milani (2003) afirma que a cultura de paz propõe mudanças, inspiradas em valores como justiça, diversidade, respeito e solidariedade, por parte de indivíduos, grupos, instituições e governos. A partir desta perspectiva os defensores da cultura de paz compreendem que promover transformações nos níveis macro (estruturas sociais, econômicas, políticas e jurídicas) e micro (valores pessoais, atitudes e estilos de vida, relações interpessoais) não é processos excludentes, e sim complementares. Portanto, esse modelo enfatiza a viabilidade de se reduzir os níveis de violência através de intervenções fundamentadas na educação, saúde, participação cidadã e melhoria da qualidade de vida. No que se refere a escola, o autor aborda que a cultura de paz destaca inúmeras necessidades e estratégias, como processos decisórios e democráticos, que envolvam a participação dos alunos e pais dentro da escola, a implementação de atividades educativas para o aprendizado do respeito às diferenças, a resolução pacífica

de conflitos, a estimulação de práticas de cooperação e trabalho conjunto, entre outras (MILANI, 2003, p.38-39).

Percebe-se que o conceito de cultura de paz é recente e ainda está em construção, por isso, muitos debates e reflexões ainda se fazem necessários para que se expanda de forma universal. No momento, a reflexão sobre a construção de uma cultura de paz passa por uma análise de como a sociedade compreende e pretende enfrentar o fenômeno da violência.

Há vários fatores que promovem a cultura de paz, entre eles está o educar uns aos outros para a paz. Segundo Rabbani (2003), o termo educar para paz teve seu início bem antes da cultura de paz. E é importante ressaltar que foi a partir das Guerras Mundiais que surgiu a estruturação da teoria e prática de Educação para a Paz, com elementos similares aos que encontramos hoje nas literaturas relacionadas ao tema. Analisando melhor o assunto, percebe-se que toda a educação possui um sentido político, o qual se relaciona a escolhas dos habitantes de determinado ambiente.

Como afirma Milani (2003, p.44), houve muitas sociedades que vivenciaram ao longo do século a disseminação de um estado de guerra e violência, sendo que isso é um processo de construção histórico cultural dos povos humanos. Embora cada situação de violência tenha suas próprias explicações e circunstâncias, todas têm em comum o seu enraizamento numa “cultura de violência”, a qual influencia os indivíduos a privilegiarem o comportamento violento como um meio natural de defender os seus interesses.

Percebe-se que, para tornarmos uma sociedade pacífica através de uma cultura de paz, precisamos primeiro promover a cultura do respeito, pois, como afirma Nunes (2011, p.41), “vivemos numa sociedade multicultural e pluriétnica”. O autor reitera que se deve trabalhar com os alunos o respeito pelas diferenças e a necessidade de inclusão de todos para viver de forma harmoniosa.

Diante disto, a educação para a formação de uma cultura de paz está profundamente relacionada à prevenção e a resolução não violenta do conflito. Para a UNESCO (2010, p.11), uma cultura baseada em tolerância e solidariedade, “é uma cultura que respeita todos os direitos individuais, que assegura e sustenta a liberdade de opinião e que se empenha em prevenir conflitos, resolvendo-os em suas fontes”. A cultura de paz promove a resolução de conflitos por meio do diálogo, da negociação e da mediação, de forma a tornar a guerra e a violência uma prática inviável.

Rabbani (2003, p.63) afirma que, “até mesmo sociedades que se consideravam as mais ‘bem-educadas’, ou civilizadas, como as sociedades europeias, não evitaram atrocidades como as duas Grandes Guerras”. A autora disserta que, apesar do discurso dos sistemas educacionais não terem defendido uma educação para a guerra, como fim em si mesmo, a preocupação formal em educar para a paz aparece somente no final da Primeira Guerra Mundial.

Corroborando com as considerações apontadas anteriormente, Oliveira e Correia (2015, p.12), afirmam que a história da Educação para a Paz (EP) surge a partir de dois momentos significativos. Um, por parte dos próprios intelectuais da educação envolvidos em uma reforma pedagógica e escolar, com destaque aos membros do movimento conhecido como Escola Nova, de renovação pedagógica, formado no contexto do pós-guerra, durante o I Congresso Internacional de Educação, em 1921. Criada com base na problemática de como conseguir, através da educação, formar a juventude com sentimentos mais humanos, para que fossem contra as manifestações de violência e, principalmente, contra a guerra. Outro, por parte dos cientistas das mais diversas áreas do conhecimento com suas pesquisas sobre as causas das guerras e as condições da paz.

De acordo com Rabbani (2003), foi a partir desse avanço inicial que ocorreu a Conferência Internacional de 1927, realizada em Praga pelos educadores da Escola Nova, intitulada de *A Paz pela escola*, onde se encontraram educadores de vários países da Europa, cujo objetivo era discutir os fundamentos e caminhos de uma educação para a “compreensão internacional”. A partir desse encontro, a proposta da Escola Nova inspira-se nas reflexões de Rousseau e Comênio, pensadores que viveram nos séculos XVII e XVIII, cujas ideias consideravam que o homem é bom e puro por natureza que está propenso a uma vida pacífica e que a guerra é uma distorção dessa natureza, acreditando também, que a transformação dos indivíduos é por meio da educação.

Jares (2011) explica que as formulações rousseunianas desenvolvidas pela Escola Nova tem a visão de que se a criança é boa por natureza e a guerra é uma invenção do homem adulto, portanto, com uma educação baseada na autonomia e liberdade da criança, esse adulto pode se tornar construtor da paz ao invés da guerra. (JARES, 2011, *apud* OLIVEIRA; CORREIA, 2014, p.13).

De acordo com Rabbani (2003), a prática de resolução de conflitos no âmbito escolar ajuda na resolução dos problemas sociais, impactando tanto em nível coletivo como individual. Desta forma, é por meio da educação que os indivíduos venham a

decidir criar realidades sociais, através da participação de práticas educativas e relações de cooperação que reflete a união e o interesse do bem comum de todos.

De acordo com Herrería (1994, *apud* Rabbani, 2003), a educação:

[...] deveria atender às necessidades da infância, dando liberdade à criança para aprender através de uma relação direta com seu meio, uma relação de afeto e diálogo com o professor e de apoio e cooperação com seus companheiros. Enquanto a escola doutrinar para a competição, para o individualismo e o egoísmo, é impossível falar de uma paz entendida por esses educadores como respeito à dignidade humana ou à sua integridade física e psíquica – que se referem respectivamente à eliminação da violência física e do autoritarismo (HERRERÍA 1994, *apud* RABBANI, 2003. p.69-70).

A autora Rabbani (2003, p.72) ressalta, que foi a partir destes movimentos que os estudos para a paz decidiram se preocupar não só em acabarem com as guerras, através de pactos, negociações, tratados, tribunais internacionais, conferências e seminários. Os movimentos decidiram investir também nas instituições de educação, tornando-se uma prática política para a formação humana.

Portanova (2006) aponta que, até a década de 1980, houve pouca repercussão das Pesquisas para a Paz no Brasil e na América Latina, por causa das características institucionais que esses estudos requerem em confronto com o pouco desenvolvimento científico, ou seja, por preconceitos em relação a esses estudos. No entanto, esse quadro começou a mudar com o final dessa década:

[...] em 1986, a Universidade de Brasília produz uma transformação radical neste quadro ao instituir o Núcleo de Estudos de Paz e Direitos Humanos. São inúmeros os centros de estudos de paz atualmente existentes. Por exemplo, podemos citar a Universidade da Paz de São José da Costa Rica, mantida pela ONU, e o Departamento de *Peace Studies*, da Universidade de Bradford, da Inglaterra (PORTANOVA, 2006, p.440).

A partir dessa nova composição das pesquisas para a paz, em favor da formação da educação para a paz, passa a ser vista como uma alternativa para que as pessoas permitam descobrir as estruturas e as ações de violência da sociedade, preparando-os para a ação transformadora. De acordo com Rabbani (2003) a educação para a paz deveria se preocupar mais com a forma de educar do que com um determinado conteúdo já pronto, permitindo que a escola e os alunos identifiquem a violência das estruturas sociais através de um método que não fosse violento e compartilhar essa ideia com a comunidade em geral.



De acordo com Paulo Freire<sup>3</sup> *apud* Nita Freire (2006):

[...] a paz não é um dado, um fato intrinsecamente humano comum a todo os povos de qualquer cultura. Precisamos desde a mais tenra idade formar as crianças na “Cultura de Paz”, que necessita desvelar e não esconder, com criticidade ética, as praticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e solidariedade. (FREIRE *apud* FREIRE, 2006, p.391)

Seguindo a ideia Freiriana, Freire (2006) disserta que promover a educação para paz é recriar uma cultura de paz, o que pressupõe trabalhar de forma integrada em prol de uma transformação social almejada pela maioria da humanidade. Entre os pressupostos de tal mudança destacam-se: justiça social, igualdade entre os sexos, eliminação do racismo, tolerância religiosa, respeito às minorias, educação universal, liberdade política, entre outros.

Milani (2003), explica que a educação para a cultura de paz é uma junção que envolve todas essas ideias em um único processo social e pessoal. O grande desafio é que as mudanças não dependem apenas da ação dos governos, nem somente de posturas individuais, e sim de um esforço em conjunto.

Corroborando com essa ideia, Luz (2003, p.162), discorre que o educar para a paz é um processo de crescimento e valorização do ser humano e a compreensão deste conceito remete o educador a buscar um entendimento mais profundo da natureza humana, das relações interpessoais que existem nas ações preventivas e nos vínculos que vão sendo tecidos com a rede social da prevenção.

Então, pode-se dizer que a Cultura de Paz deve ser entendida como uma forma de fortalecimento das relações interpessoais e intrapessoais (professor-aluno, aluno-aluno e cada um consigo mesmo), no âmbito da sala de aula e da escola, a partir de um clima adequado de crescimento e valorização da vida. Luz (2003, p.163) também defende a Educação para a Paz como forma de conscientizar os seres humanos de sua unicidade, igualdade e interdependência como forma de se ascender à justiça e à liberdade.

O paradigma da Cultura da Paz traz a dimensão humanizadora da educação, encarando-a, antes de tudo, como um processo de conhecimento, crescimento e

<sup>3</sup>Paulo Freire é educador brasileiro, autor do livro pedagogia do oprimido (1970), defendia como objetivo da escola conscientizar o aluno para transformá-lo por meio do estudo crítico da realidade social, política e econômica, no sentido de conscientizar as diferentes classes e estruturas sociais para promoção da justiça social.

desenvolvimento do próprio educador, para que possa ser um agente multiplicador junto a seus alunos e à comunidade. Assim Luz (2003) completa que:

[...] a Cultura da Paz abre na escola um espaço democrático de discussão no qual as pessoas estando mais bem informadas terão maior capacidade de tomar decisão em prol de uma vida saudável e de bem-estar. Vivenciar a Cultura da Paz significa, portanto, colocar a nossa história em estudo (LUZ, 2003, p.164-165).

Isso posto, a Cultura da Paz e a prevenção da violência são, antes de tudo, princípios e valores, que devem ser ensinadas e vivenciadas pelo educador no seu dia-a-dia. É impossível fazer a Cultura da Paz e a prevenção da violência na escola e não as vivenciar na vida (LUZ, 2003, p.169). Do mesmo modo, Beust (2003), complementa que:

[...] é impossível pensar a vida humana sem a educação, uma vez que é pela educação que nos fazemos humano, da mesma forma é impossível pensar uma cultura de paz sem uma educação voltada para a paz. Uma cultura de não-violência não pode nascer do vácuo, mas de uma gama complexa de processos, entre eles processos educacionais, voltados para a promoção das relações pacíficas e para a minimização e/ou eliminação dos processos de violência, em qualquer de suas dimensões: estrutural, psicológica, social, física etc. (BEUST, 2003, p.198).

Ainda sobre a cultura de paz através da educação, Milani (2003, p.18-19) aborda que, como os níveis de violência no Brasil estão cada vez mais degradantes, a Educação para a Paz não pode ser tratada apenas como uma questão interna do sistema de ensino, limitada à sala de aula ou destinada exclusivamente a crianças e jovens. Ela precisa ser assumida como objetivo prioritário fruto de um consenso coletivo e, conseqüentemente, responsabilidade pessoal e institucional de todos que compõem a sociedade.

Diante do que foi discutido anteriormente, no próximo capítulo será abordado sobre uma das importantes ferramentas da promoção da cultura de paz para a educação, que é a Mediação escolar, que se trata de uma prática onde os conflitos são resolvidos a partir do diálogo, de forma não-violenta e que vem sendo trabalhada dentro do ambiente escolar a um bom tempo e que está tendo muitos resultados positivos.

## **2. DO CONFLITO À MEDIAÇÃO**

Entre os processos para a promoção da cultura de paz na escola, está a resolução de conflitos usada na mediação como forma de compreender o conflito para que ele possa ser transformado e finalizado de forma pacífica, resgatando assim os valores e a confiança que foram destruídas ao longo do conflito. Segundo Guzmán



(2003), na pesquisa dos estudos para a paz, foi desenvolvida uma disciplina, chamada inicialmente Resolução de Conflitos, como forma de buscar uma convivência em paz.

A resolução de conflitos tem grande relação com a cooperação, por se tratar de uma prática que é realizada através do diálogo e, assim, compreender a evolução e o desfecho do conflito. O autor complementa, que “o conflito nos dá a oportunidade de reconhecer as perspectivas dos outros seres humanos, de sentir e expressar um grau de compreensão e preocupação pelo outro e outra, apesar da diversidade e do desacordo” (GUZMÁN, 2003, p.250).

Desse modo, a transformação do conflito busca o crescimento moral de duas dimensões, a do empoderamento e a do reconhecimento. Em outras palavras, a dimensão da recuperação do próprio valor, das próprias capacidades, do próprio poder, em interação com a recuperação do reconhecimento da outra e do outro (GUZMÁN, 2003).

Essa transformação se faz necessária para entender melhor o conflito e a forma como ele será resolvido. Galtung (2006) trata em seu livro *Transcender e Transformar: uma introdução ao trabalho de conflitos*, outra forma de abordagem para a transformação do conflito. Onde ele fala do método utilizado pela organização de mediação *TRANSCEND*<sup>4</sup>, em que aborda a solução pacífica do conflito através da mediação. De acordo com o autor, a transcendência ocorre quando as ideias podem crescer frente a solução do conflito para que o mesmo possa ser transformado e assim dissolvido.

Desse modo, além da transcendência ajudar na transformação do conflito, explora a capacidade de lidar com um conflito, manejando-o de forma criativa o dialogo, transcendendo as incompatibilidades e agindo sobre ele sem fazer uso da violência. Segundo Galtung (2006), “as ideias são como sementes.” Tem que se relacionar com o mundo ideal das partes, e se possível emergir desses mundos, com o trabalhador de conflitos como facilitador das partes. Nesse trabalho as sementes têm que ser regadas com regularidade, e é aí que abre o caminho para a paz e a educação para a paz. (GALTUNG, 2006, p. 237).

<sup>4</sup> *Transcend* é um método de ir além de algum limite, ou seja, procura ir além do conflito, desarticulando-o de seu estado atual e rearticulando-o em uma nova realidade: indo além da situação de recursos limitados e concentrar-se na cooperação para satisfazer as necessidades. Esse método surgiu em 1966 na Europa, com o objetivo de dialogar com os países que fizeram parte da guerra fria, tornando assim, uma abordagem, sobre previsões e possibilidades de cooperação futuras. Site: [www.transcend.org](http://www.transcend.org)

Com a perspectiva da transformação do conflito, Lederach (1997) aborda que a transformação do conflito abrange a necessidade de resolver o dilema entre a gestão de conflitos de curto prazo e a construção de relacionamentos de longo prazo, bem como a resolução das causas contidas do conflito, onde ele parte da proposta de construir “infraestrutura de longo prazo” para a construção da paz, apoiando o potencial de reconciliação da sociedade. Dessa forma, percebe-se que a transformação do conflito muda a realidade conflituosa transcendendo o conflito gerando bases para que as relações sejam retomadas de forma mais sólida e duradoura.

Dentro da perspectiva de resolução de conflitos e da ação transformadora, Bezerra (2007, p.43), afirma que mediação age como uma das formas alternativas de resolução de conflitos, mostrando-se como instrumento de acesso à justiça em seu sentido mais amplo, preventiva e multidisciplinar, com sua proposta cooperativa e do diálogo que fortalece as relações sociais, promovendo a conscientização do papel do cidadão dentro da sociedade.

Segundo Warat (1999), a mediação está sendo um dos mecanismos mais comuns, usada nos programas de resolução alternativa de conflitos, uma opção democrática e pedagógica como forma de intervenção com ajuda de um terceiro (mediador). Mas, para entender bem a prática da mediação, segundo o autor, é preciso elaborar uma clara compreensão do que se entende por conflito, pois qualquer teoria de mediação é “inadequada e insuficiente se não tem por base uma explícita teoria do conflito” (WARAT, 1998, p.14).

Por se tratar de um processo de caráter cooperativo, a mediação tem o objetivo de valorizar tanto a preocupação com seus valores e necessidades quanto os valores dos outros, estabelecendo novas prioridades e valorização do homem como sujeito principal de suas relações. Bezerra (2007, p.44) aborda que o conflito resolvido através da mediação se torna mais eficiente e mais fácil de ser cumprido, pois a decisão parte dos envolvidos, com base em concessões mútuas, da comunicação, da preservação ou da transformação da relação existente, e, sobretudo, da valorização do outro, como pessoa, com sentimentos e emoções que devem ser considerados.

A mediação tem sido objeto de análise dos cientistas sociais, gerando assim muitos modelos, teorias e práticas de simulações, onde obtiveram sucessos a partir de suas experiências nas soluções dos conflitos nos mais diversos setores sociais, a exemplo das escolas, que será abordado no capítulo três.

## 2.1 CONFLITOS NA ESCOLA

Muitos são os conflitos que surgem ao longo de nossas vidas e muito deles são bastante desagradáveis a ponto de sair dos eixos e gerar grandes violências. Desse modo, Nunes (2011, p.15), aborda que são muitas as definições para a palavra *conflito* e que ela sempre está ligada a ideia de brigas, desentendimentos, enfrentamentos, crises, batalhas, disputas, guerras e violência, ou seja, é algo prejudicial e indesejável para a construção do diálogo e da cooperação.

Para Lederach (1997) o conflito está sempre presente nas relações humanas, pois os interesses destas relações estão em constantes mudanças. Diante disso, entende-se que a simples convivência humana implica na pluralidade de interesses, necessidades e vontades, ou seja, muitos sentimentos envolvidos e isso significa uma potencialidade constante para o conflito.

Onde se localiza uma grande diversidade de conflitos e desentendimentos é na escola. Na escola, os conflitos se manifestam de diversas formas e a principal delas é o de relacionamentos, a partir de diversas idades, origens, sexos, etnias e condições socioeconômicas e culturais. Assim, todos na escola devem estar preparados para o enfrentamento das tensões dos próprios relacionamentos, que muitas vezes podem gerar desarmonia e desordem na escola.

Um grande exemplo da dificuldade que temos em lidar com o conflito é a nossa incapacidade de identificar os motivos que geraram o conflito. Muitas vezes na escola e no convívio social, o ser humano só entende o conflito quando ele já está instaurado em uma proporção gigantesca de violência. Isso indica uma tendência a agir de forma mais violenta quando o conflito se manifesta, gerando mais probabilidade do conflito se repetir.

O autor Chispino (2007, p.16), define o conflito como um resultado da diferença de opinião ou interesse de, pelo menos, duas pessoas ou conjunto de pessoas, devendo esperar que, no universo da escola, a divergência de opinião entre alunos e professores, alunos e alunos, professores e gestão, seja uma causa objetiva de conflitos.

Corroborando com o autor citado anteriormente, Nunes (2011) aborda que muitos desses conflitos compõem o cotidiano desses alunos e se constituem em práticas saudáveis para o desenvolvimento humano, tais como:

[...] os conflitos nas brincadeiras, nos jogos, nas práticas esportivas, entre outros. Por outro lado, muitos tomam rumos indesejados e transforma-se em agressividades,

atos de indisciplina, indiferença, depredação do patrimônio escolar, atitudes de preconceitos e discriminação. Esses são os que nos preocupam mais, e vários são os fatores que desencadeiam na convivência escolar: a rivalidade entre grupos; as disputas de poder; as discriminações e as intolerâncias com as diferenças; a busca de afirmação pessoal; as resistências as regras; os dissentimentos e as brigas; o *bullying*; os conflitos de interesses; os namoros; as perdas ou danos de bens escolares; os assédios; o uso de espaço e bens; a falta de processos para a construção de consensos; as necessidades de mudanças; a busca por novas experiências; as reações a manifestação de injustiças. Entre outras. (NUNES, 2011, p.16).

Diante de algumas formas de conflito que podem surgir no ambiente escolar, se faz necessário à implementação de práticas restaurativas e transformadoras na escola. Precisa-se sensibilizar e capacitar as crianças e jovens, desde cedo, para que eles possam resolver os seus pequenos e grandes conflitos da vida de forma não-violenta. Trabalhar o conflito ajuda a extrair muitos aspectos positivos da vida social, como a melhoria dos relacionamentos, do respeito às diferenças, a empatia, a capacidade de tomar decisão, o estímulo a transcendência, o incentivo ao enfrentamento dos problemas, a cooperação, dentre outros.

Warat (1998, p.15) compreende o conflito como uma estrutura funcional comunicativa que gera significados e que devem ser interpretados como as bases das disputas. O conflito é visto como um processo simbólico. É preciso primeiramente entender e interpretar o conflito, pois esse é o principal passo para que as partes envolvidas possam ser ouvidas e, diante disso, começar um diálogo com base no respeito e na igualdade.

A comunicação construtiva, usada por Ozorio Nunes (2011) em seu Livro *Como Restaurar a Paz nas Escolas*, onde aborda a mediação como uma ótima ferramenta de resolução de conflitos para o bom convívio escolar, pois na escola somos dominados pela linguagem da superioridade e de confrontos, então se faz necessário mudar essa cultura e promover a cultura do diálogo através da linguagem do amor e respeito.

A comunicação construtiva leva as pessoas a se comunicarem de maneira eficaz e com empatia. Segundo NUNES (2011) a proposta da comunicação construtiva e restaurativa é a da “comunicação não violenta”, que se refere a um conjunto de técnicas, atribuídas a Marshall Rosenberg, um psicólogo americano e criador da Comunicação Não-Violenta<sup>5</sup>, que evita utilizar julgamentos de certo/errado, bom/ruim,

<sup>5</sup> Marshall Rosenberg é, o pai da técnica da Não-violência, autor do livro “Comunicação Não-Violenta – Técnicas Para Aprimorar Relacionamentos Pessoais e Profissionais”. A técnica da comunicação não-violenta é um processo de comunicação que ajuda as pessoas a trocar as informações necessárias para

procurando expressar de modo verdadeiro e honesto nossos sentimentos e nossas necessidades, sem precisar de críticas e julgamentos (NUNES, 2011, p.72).

Além de treinar a comunicação não violenta e o uso do diálogo em situações de conflitos, é importante que os alunos aprendam a mediar para resolverem os seus problemas e cheguem ao um acordo que agrade as partes envolvidas. Faz-se necessário desenvolver uma cultura de paz, na qual a convivência harmônica, o respeito e a tolerância mútua sejam objetivos a serem alcançados, daí o uso da mediação como prática para construir essa nova mentalidade. De acordo com Buch e Folger (1999):

[...] o conflito em si é potencialmente transformativo: ou seja, o conselho oferece aos indivíduos a oportunidade de desenvolver e integrar suas capacidades de força individual e empatia pelos outros. [...]. Os processos de intervenção como a mediação, podem ser elaborados de modo a captar o potencial transformativo de conflito [...] (BUSH; FOLGER; 1999, p.85).

O aprendizado desenvolvido a partir do incentivo as práticas de resolução de conflitos de forma não violenta e cooperativa, resulta em maior participação de todos da comunidade escolar, aproveitando as capacidades individuais para resolver as tensões que surgem dentro da escola. Tanto o conflito como a sua boa resolução constituem modos de convivência que enriquecem a vida cotidiana, tanto pessoal quanto social. Diante disso, a mediação como ação transformadora não tem como finalidade ajudar as partes de maneira direta a chegarem a uma solução em comum acordo do seu conflito, mas antes de tudo, busca trabalhar com as partes para que elas próprias mudem a particularidade do conflito.

## **2.2 MEDIAÇÃO**

A mediação, em conjunto com a arbitragem e a conciliação, é uma forma de resolução de conflitos em que as partes envolvidas chegam a uma solução pacífica do conflito resolvendo assim os seus problemas. Diante desse contexto, o papel do mediador é facilitar esse diálogo entre eles, proporcionando condições favoráveis para chegarem a um consenso.

A mediação<sup>6</sup> pode ser definida como “um processo confidencial e voluntário, no qual um terceiro mediador imparcial facilita a negociação entre duas ou mais partes, onde um acordo mutuamente aceitável poderá ser um dos desenlaces possíveis” (MEDIARE, 1998).

De acordo com Bezerra (2007), o termo “mediação” tem sido cada vez mais frequente entre os estudiosos do campo jurídico e educadores, tanto no Brasil quanto na América Latina. A palavra “mediação” pode se referir ao termo médio de uma relação entre elementos equidistantes ou à ligação entre dois termos distintos, ou ainda à passagem de um termo a outro. Ela pode também dizer respeito à harmonização de conflitos entre interesses opostos (BEZERRA, 2007, p.47).

Para Sales (2010), a mediação é um processo consensual de solução de conflitos, por meio de uma terceira pessoa imparcial, que age com o intuito de facilitar a resolução de uma divergência. Assim, a mediação representa um mecanismo para que os conflitos sejam resolvidos, onde as próprias partes, movidas pelo diálogo, encontram uma alternativa eficaz e satisfatória de resolver algum problema, tendo o mediador como auxiliador na construção do processo.

Bezerra (2007) fala que a prática da mediação segue a convivência humana desde os tempos antigos, não se tratando de novidade a sua realização para a solução dos seus conflitos. Sua origem deu-se na China por meio de Confúcio, quatro séculos antes do início do calendário cristão, como mecanismo adequado à solução de litígios entre os homens. No mundo ocidental, seu surgimento se deu na conciliação cristã, com grandes repercussões desde o Direito Romano (BEZERRA, 2007, p.47). Para Sales,

Mediação procede do latim *mediare*, o que significa mediar, dividir ao meio ou intervir. Estes termos expressam o entendimento do vocábulo mediação, que se revela um procedimento pacífico de solução de conflitos. A mediação apresenta-se como forma amigável e colaborativa de solução das controvérsias que busca a melhor solução pelas próprias partes (SALES, 2004, p.23).

É possível dizer que a mediação preza pelo diálogo entre as partes envolvidas tendo uma visão colaborativa, em conjunto com a emancipação das partes que buscam a solução do conflito, por si mesmas, e não através de uma terceira pessoa, que age apenas como facilitador. A mediação tem como princípio a restauração das relações através do diálogo, que é compreendida como resultado de uma relação entre duas

<sup>6</sup> MEDIARE in Apostila do curso básico de capacitação em mediação 1998.



pessoas em conflito. As partes envolvidas têm o poder de construir ou desfazer soluções que melhor se adaptem as suas necessidades, incentivadas pela possibilidade de transformação do conflito.

Para Warat (1998), a mediação é um caminho para a substituição, na resolução de conflitos, de um saber de dominação por um saber solidário. A substituição de uma solução alheia por uma solução que vá ao encontro da autonomia, ou seja, a mediação ajuda no caminho de encontrar a capacidade de administrar do seu desejo do saber, impossibilitando de aceitar outras identidades.

Sales (2010) destaca que a partir do Código de Ética, o mediador apresenta um conjunto de valores e diretrizes fundamentais para o desempenho adequado da mediação. Mas o importante é que as partes decidam por si sós, pois o mediador está ali para ajudar no processo da mediação de forma imparcial e confidencial.

A imparcialidade é algo importante para se destacar, pois está se discutindo a natureza, objetivos e limites do poder do mediador em sua função mediadora. Warat (1999, p.49) destaca que a função do mediador é ajudar as partes a decidirem sem impor seu critério, ou seja, não tem poder legal para decidir, e nem empregar a palavra para persuadir a tentar ajudar a solucionar o conflito, assim tornando-o um intermediário imparcial, um condutor neutro.

Bezerra (2007) disserta sobre algumas características fundamentais para a mediação. A primeira delas é a interferência de uma terceira pessoa imparcial que, por seus conhecimentos, experiências, técnicas e outras qualidades, é capaz de conduzir o processo de mediação entre as partes. Essa interferência é no sentido de proporcionar às partes as possibilidades para fortalecer seus relacionamentos de confiança e respeito mútuos, para manter o conflito nos limites da paz. Outra característica importante é a aceitabilidade, ou seja, as partes têm de aceitar o mediador, aprovando a sua presença. O mediador deverá promover ou restabelecer o diálogo entre as partes para que estas possam analisar de maneira mais serena os seus conflitos e chegarem a uma solução comum. Um dos principais desafios das sociedades democráticas consiste em desenvolver mecanismos de esclarecimento e mediação de conflitos, sem que os conflitos resultem em violência, degradando as relações sociais.

O destaque na mediação de conflitos é a promoção do diálogo, da comunicação, fazendo com que as partes tenham uma participação dinâmica em todo o processo, propiciando um resgate dos sentimentos envolvidos, valorizando assim a pessoa, não o conflito, e a solução que se alcançar deverá partir das próprias partes

envolvidas. Por essa razão, a mediação fortalece a cultura de paz, na medida que promove uma boa administração dos conflitos, incentivando as pessoas a uma discussão construtiva, melhorando desta forma as relações entre elas.

Como aborda Bezerra (2007), a mediação, por ser um procedimento colaborativo, pode ser utilizada para vários tipos de conflito. É importante ressaltar que a mediação como meio de pacificação social está sendo utilizada por várias instituições, e se mostra adequada aos casos em que há uma relação continuada, um vínculo emocional e afetivo entre as partes envolvidas, um relacionamento prolongado que precise ser restaurado (BEZERRA, 2007, p.56).

Apesar de a mediação se colocar como um meio mais adequado à antecipação do conflito, Lima (2010, p.30), diz que sua aplicação tem sido evidenciada, de forma sólida, possivelmente em função da influência de uma educação mediadora, especialmente no campo educacional, tendo em vista a gestão da indisciplina, violência, e conflitos escolares.

A mediação abordada anteriormente representa um meio efetivo de promover o acesso à justiça, capaz de prevenir e resolver conflitos de modo não violento, através da promoção do diálogo, da autonomia e da participação ativa na resolução dos conflitos. No próximo tópico será abordada a mediação escolar, que parte de uma abordagem menos informal e mais clara, utilizando as mesmas técnicas e procedimentos vistos anteriormente.

### **2.2.1 Mediação escolar**

São vários os tipos de ferramentas para a resolução de conflitos e a construção da cultura de paz, e a mediação é uma ferramenta que reúne o mediador e as partes envolvidas com o objetivo de transformar e restabelecer o diálogo, buscando a construção de soluções a partir das necessidades de cada um dos envolvidos. Antes de discorrer sobre a mediação escolar, será abordado um breve histórico para melhor entendermos como essa prática se desenvolveu nas escolas.

Segundo Heredia (1999, p.35), o surgimento da mediação de conflitos escolar é recente, tendo surgido há pouco mais de trinta e cinco anos, nos Estados Unidos. O seu surgimento não se deu por meio da atividade de pedagogos, mas dos estudiosos de resolução de conflitos, de grupos comprometidos com a não violência, como a igreja



Quaker, que eram os oponentes da guerra nuclear, membros do *Educators for Social Responsibility* (ESR)<sup>7</sup> e advogados. (apud SALES; ALENCAR 2007, p.5).

De acordo com o que Buch e Folger (2005, P.7) explicam, que embora a mediação tenha sido usada há muito tempo em disputas trabalhistas, a nova onda de interesse se estendeu a muitos outros contextos, incluindo conflitos comunitários, familiares e interpessoais.

Em 1970 alguns programas de mediação comunitária tiveram um aumento significativo, como afirma Heredia (1999), citado por Sales e Alencar (2007, p.5), onde foram realizados os primeiros centros de justiça de vizinhos. Conhecidos como Programa de Mediação Comunitária, que tinha como objetivo oferecer um espaço onde os cidadãos pudessem se reunir e resolver seus conflitos. Esses centros obtiveram um grande êxito e posteriormente se estenderam por todo os Estados Unidos. Na década de 1980, o sucesso das atividades do programa de mediação comunitária foi levado para a escola, com o objetivo de ensinar os estudantes a mediar os conflitos com os seus colegas. Inicialmente foram desenvolvidos programas de mediação para os alunos e, posteriormente, elaborados currículos de Resolução de Conflitos para as instituições de ensino.

A partir desses programas, vários projetos foram sendo desenvolvidos nos Estados Unidos e, seus resultados, motivaram a criação de novas iniciativas<sup>8</sup>. A experiência americana foi a inicial, e seus resultados motivaram diversos países a desenvolverem projetos de mediação de conflitos nas escolas.

<sup>7</sup> ERS é uma organização nacional sem fins lucrativos fundada em 1982. A ESR trabalha diretamente com educadores para implementar práticas sistêmicas que criam escolas seguras, solidárias e equitativas para que todos os jovens tenham sucesso na escola e na vida e ajudem a moldar um ambiente seguro, mundo democrático e justo. Site: <https://creducation.net/intl-orgs/educators-for-social-responsibility-esr/>

<sup>8</sup> Sales e Alencar (2005) apud Heredia destacam alguns programas: Conflict Resolution Resources for School and Youth - Trata-se de um dos mais famosos programas de resolução de conflitos dos Estados Unidos e é resultado da colaboração entre os centros de mediação comunitária e os sistemas escolares. Foi fundado em 1982 pelo Community Board Program de São Francisco e é o programa que inspirou a maior parte dos projetos de implementação de resolução de conflitos escolares, tanto nos Estados Unidos como em outros países. Educators for Social Responsibility (ESR) - Esse programa teve início em 1981, fruto da iniciativa de pais e professores que objetivavam prevenir guerras por meio da educação. Suas atividades objetivam treinar professores nas técnicas da resolução de conflitos. Conflict Resolution Education Network - Em 1984, a National Association on Mediation in Education (NAME) foi fundada por um grupo de ativistas e mediadores comunitários que decidiram juntar suas experiências nos programas de resolução de conflitos escolares. Em 1995, fundiu-se com o National Institute for Dispute Resolution (NIDR) e se transformaram no Conflict Resolution Education Network (CREnet).

No Brasil a prática de mediação escolar teve seu início a partir do projeto Escolas de Mediadores. Segundo Sales e Alencar (2007),

O projeto desenvolvido em 2000, numa parceria entre o Instituto NOOS, Viva Rio – Balcão de Direitos, Mediare e Secretaria Municipal de Educação, em duas escolas públicas do município do Rio de Janeiro. A iniciativa teve o apoio do Ministério da Justiça, por meio da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, responsável pelo Programa ‘Escolas de Paz’ (SALES; ALENCAR 2007, p.8).

Segundo Bezerra (2008), o projeto piloto tinha como objetivo principal estimular uma atmosfera pacífica nas escolas, a partir da criação da cultura do diálogo e da resolução dos conflitos por meio da solução apresentada pelos próprios envolvidos. Desta forma, o projeto visava a contribuir para melhorar o relacionamento entre alunos, compartilhar os problemas surgidos na convivência diária, elaborar soluções conjuntas e excluir as condutas agressivas e violentas dentro do contexto escolar (BEZERRA, 2008, p. 75).

Como mencionado anteriormente, a mediação no Brasil possui uma trajetória com relação a projetos e programas inseridos nas políticas públicas que visam amenizar as violências nas escolas. É uma prática que vem obtendo resultados positivos não só com a diminuição da violência, mas com a questão do diálogo, cooperação e o respeito dos valores sociais. Como exemplo disso, o Estado do Ceará, especificamente em Fortaleza, onde a Secretaria de Educação do Ceará (Seduc) com parceria do Instituto *Terre Des Hommes* (TDH) criou a Célula de Mediação Social e Cultural da Paz (2014), como prevenção da violência no âmbito escolar. Esse projeto tem como finalidade a implementação de salas de mediação de conflitos em toda a rede Estadual de ensino. Em julho de 2016, três escolas foram contempladas com esse projeto, e segundo a Seduc, a implementação das salas de mediação possibilitou a redução da violência em até 65% dos encaminhamentos relacionados a conflitos na Escola.

Diante da experiência citada anteriormente, percebe-se que a mediação escolar é uma importante ferramenta para ajudar a resolver e administrar os conflitos, que possam surgir no ambiente escolar, através do diálogo, com ajuda de um facilitador, no caso o mediador, para facilitar o diálogo entre as partes envolvidas no conflito. A mediação veio para restaurar os vínculos existentes na escola, entre todo o corpo escolar, com bases nos valores da escola, desenvolvendo assim o respeito as diferenças, a igualdade, a solidariedade e o desenvolvimento humano, construindo assim, uma cultura de paz.

Para Sales e Alencar (2007), mediação escolar, quando realizada com jovens, tem como objetivo desenvolver uma comunidade na qual os alunos desejem e sejam capazes de praticar uma comunicação aberta, ajudando os alunos a desenvolverem uma melhor compreensão da natureza dos sentimentos, capacidades e possibilidades humanas. Assim, contribui para que os estudantes compartilhem seus sentimentos e sejam conscientes de suas qualidades e dificuldades e desenvolve no aluno a capacidade de pensar criativamente sobre os problemas e a começar a prevenir e solucionar os conflitos.

No próximo capítulo será abordado o estudo de caso realizado em uma escola pública em João Pessoa/PB, localizado no Cristo/Rangel, onde foi feita uma capacitação de mediação escolar para os alunos atuarem como agentes transformadores da paz através da mediação. A escolha da técnica de mediação se deu por se tratar de uma técnica que utiliza o diálogo, a cooperação, o respeito e a empatia para a resolução do conflito, restaurando, assim, as relações entre as partes.

### **3. A AÇÃO TRANSFORMADORA DA MEDIAÇÃO ESCOLAR**

Em algumas as escolas as relações entre aluno/aluno, aluno/professor, professores/professores, professores/gestão, gestão/pais, estão cada vez mais danificadas; deste modo torna-se fundamental criar meios pacíficos para a promoção do diálogo. E neste contexto que surge a mediação escolar como um instrumento para a promoção da cultura do diálogo e transformação do conflito.

Posto isso, a presente pesquisa intitulada **MEDIAÇÃO DE CONFLITOS ESCOLAR: Um estudo de caso na Escola Santa Ângela**, sendo está uma escola de ensino publico localizada no bairro Cristo/Rangel em João Pessoa/PB, sobe a orientação de prof. Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann, surge com o intuito de analisar a ferramenta da mediação como uma forma efetiva na transformação de conflitos, através do projeto de Mediação Escolar na escola Santa Ângela, em João Pessoa PB.

A escolha do local se deu devido ao interesse da escola de colaborar na construção de uma cultura de paz no contexto escolar há mais de três anos com práticas de sensibilização pela paz, através de círculos de diálogo e brincadeiras no horário do intervalo, com palhaços e brincadeiras, por meio do Projeto Universidade em Ação - PUA.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a nível local a mediação de conflitos no meio escolar, sendo esta uma das ferramentas para a construção do diálogo e transformação do conflito, proporcionando aos alunos o protagonismo e a capacidade de mediar os próprios conflitos com seus pares de forma pacífica e sem violência, através do projeto de Mediação escolar na escola Santa Ângela.

Atendendo a revisão teórica sobre a mediação escolar, como uma ferramenta para a transformação do conflito, e diante da implementação do projeto, os objetivos específicos serão buscar compreender como mediar um conflito sem o uso da força onde pode ser solucionado por meio da mediação; Observar as prática de mediação e analisar a sua efetividade como uma ferramenta para a cultura de paz; Analisar qual o impacto da mediação na escola Santa Ângela, após a implementação do projeto Mediação Escolar.

A metodologia utilizada foi o método de estudo de caso através da técnica pesquisa-ação<sup>9</sup>, como uma pesquisa descritiva, de metodologia qualitativa, através de pesquisa bibliográfica, com base na iniciativa do projeto de Mediação Escolar. Foram utilizadas entrevistas com alunos, professores, funcionários, equipe técnica e gestores da escola para analisar se houve alguma redução significativa da violência e dos conflitos na escola.

### **3.1 Realização do projeto**

Para a criação desse projeto, foram seguidos os passos da Cartilha do Projeto Escola de Mediadores (2002) que tem como ideia principal estabelecer nas escolas um canal de diálogos, em que o outro seja visto como colega na construção de um mundo melhor, defendendo a ideia do protagonismo dos jovens, preparando-os para juntos resolver, tratarem e transcenderem os seus próprios conflitos.

A cartilha tem como objetivo seguir uma sequência de atividades, para serem realizadas pelos próprios membros da escola, de forma que possam introduzir o tema da mediação no ambiente escolar. Então para atingir esse objetivo a cartilha sugere oito etapas para a implementação do projeto de mediação escolar. As etapas são: levantamentos de dados da escola; planejamento da ação; sensibilização; seleção dos

<sup>9</sup>Pesquisa-ação, que é um método educacional utilizado como [...] estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar o seu ensino e conseqüentemente o aprendizado de seus alunos [...] (TRIPP, 2005, p.435).

alunos mediadores; aulas de capacitação; prática da mediação e Avaliação. Essas etapas são fundamentais para o desempenho do projeto.

A partir dos ensinamentos da cartilha Escolas de Mediadores e da realidade da escola, o desenvolvimento do projeto teve 4 meses de duração, com alunos de 7 a 16 anos, por se tratar de uma idade ideal para o aprendizagem e desenvolvimento das praticas de mediação, distribuídos em dois turnos, manhã/tarde, do 3º ao 8º. Foi dividido em um mês de levantamento com um planejamento em conjunto com a psicóloga e mediadora Ligia Rodrigues , que estava representando a escola, onde foram discutidos quais os maiores conflitos da escola e seus envolvidos, posteriormente foi discutido como seria feito a capacitação, local e materiais necessários, quais os alunos que participariam da capacitação e dois meses de articulação e capacitação dos alunos e por último a coleta dos dados.

### **3.1.1 Capacitação**

A capacitação dos alunos se desenvolveu durante duas semanas, com dois dias para cada módulo, onde foi explanado sobre o que seria a mediação e suas técnicas e na semana seguinte foram trabalhadas simulações dos conflitos existentes na escola, além das simulações com base nos conflitos vividos pelos alunos.

No dia 09/04/2018 às 14h - o primeiro dia do curso foi realizado com o turno da tarde, com as turmas do, 3º a 5º. No qual foi trabalhado a mediação de forma mais lúdica, por se tratar de crianças entre 7 e 9 anos. Iniciamos com uma música da banda Roupas Nova - A paz, para podermos nos conectar com o tema e para que os alunos pudessem relaxar. Dessa forma eles teriam mais facilidades para responder as seguintes perguntas: O que acharam da música? Como a música se conecta com tudo aquilo que viemos aprendendo durante a capacitação? Após esse primeiro momento foi introduzido à definição do que seria mediação, e para que eles pudessem entender foi passado o vídeo: Fala Comigo<sup>10</sup>. Esse vídeo é um curta<sup>11</sup> onde as crianças falam sobre o que é

<sup>10</sup>Site: <https://vimeo.com/86473960>

<sup>11</sup> Realizado pelas mediadoras Flávia Resende e Rita Andréa Guimarães, e pelos produtores Alexandre Pimenta e Beatriz Goulart, no Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais.

mediação e para quem serve e como se faz. A importância desse vídeo é mostrar as crianças a importância da mediação e que elas mesmas podem ser os mediadores e agentes de paz da sua escola. Posteriormente foi trabalhado o que a mediação escolar facilita; Características da mediação escolar; Fases da Mediação Escolar e para encerrar o primeiro módulo foi feita a dinâmica da teia de aranha, que tem como objetivo lembrar as facilidades que a mediação oferece para a escola e seu desenvolvimento a partir da cooperação.

No dia 10/04/2018 às 8 h – primeiro dia de curso com a turma da manhã, 6º a 8º ano, com idades entre 10 e 16, a capacitação iniciou-se com as apresentações dos alunos e foi perguntado o que eles esperavam do curso de mediação. Posteriormente, foi passado um vídeo com a música do Gabriel pensador cujo nome é: Pela paz a gente berra, música essa que trata sobre a paz que tanto almejamos mais que ainda está longe, por isso temos que berrar e lutar por ela. Após esse momento, foi discutido sobre algumas passagens do vídeo onde mostrava bem a realidade de muitos que estavam ali presentes. Posteriormente, foram trabalhados os seguintes tópicos: o que é mediação escolar e seu surgimento; Características da mediação escolar e Fases da Mediação Escolar. Para encerramento deste módulo foi realizado a dinâmica do pirulito, que teve como objetivo, desenvolver o espírito da mediação através da cooperação, importância de um ajudar ao outro no dia a dia e como utilizar a criatividade para resolver os conflitos que envolvem o trabalho em equipe.

No dia 16/04/2018 às 14 h – Iniciamos o módulo de simulações de mediação lembrando alguns passos da mediação, e para facilitar o entendimento deles na simulação foi passado um vídeo de animação<sup>12</sup>, no qual se tratava de um conflito entre alunos na escola, seguida de uma mediação para a resolução do problema. Após o término do vídeo foi a vez dos alunos simularem a mediação com base nos conflitos que eles já haviam presenciado e que ocorre diariamente. (sugestão deles de simularem os próprios conflitos). Para finalizar foi feita uma roda de diálogo para discutir o que aprenderam e o que mais gostaram na capacitação.

<sup>12</sup> Site: <https://www.youtube.com/watch?v=I0RZvBUYgnQ>



No Dia 17/04/2018 às 8h – o último módulo, foi trabalhado o passo a passo da mediação e um vídeo: Mediação em Ação<sup>13</sup> onde mostrava a simulação de mediação feita por alunos. Após a finalização do vídeo, foram discutidos pelos alunos quais os conflitos que eles queriam simular. Então por sugestão de alguns alunos os conflitos simulados foram os que mais ocorriam na escola, que era no horário da aula entre aluno/professores e no intervalo entre aluno/aluno. O módulo foi encerrado com uma roda de diálogos, onde os alunos puderam expor os seus pensamentos sobre a importância da mediação na escola e na vida deles, e aproveitando que estava presente a representante da escola eles desabafaram sobre os conflitos que eles estavam passando e deram sugestões de como poderia ser resolvidos.

Diante do que foi explanado anteriormente, percebe-se que esses exercícios práticos proporcionaram vivências dos aspectos fundamentais da prática de mediação, como a escuta ativa, saber se colocar no lugar do outro, o cuidado com as próprias palavras e o trabalho em equipe.

### **3.1.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS DO PROJETO**

Tendo em consideração a pesquisa qualitativa espera-se que os resultados obtidos através da realização do projeto na escola, sejam favoráveis no que diz respeito à implementação da mediação. Porém devido alguns problemas institucionais em relação à escola, o projeto não foi concluído.

De início, o projeto de Mediação Escolar teve um grande apoio por parte das diretoras e professores, visto que já havia um acordo que seria realizado esse trabalho na escola, e também os alunos necessitariam deste apoio para o desenvolvimento do projeto. Porém, alguns problemas institucionais surgiram e comprometeram a parte prática do projeto, assim como também as reuniões com os alunos sobre os seus desempenhos como mediadores de pares.

Mesmo com o projeto estagnado, foram realizadas algumas entrevistas com os alunos, professores, funcionários e gestão, para responder as seguintes questões: quais as vantagens da capacitação de mediação mesmo sem a implementação completa do

<sup>13</sup>Site: [https://www.youtube.com/watch?v=Zz\\_wb7zuGZ0&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=Zz_wb7zuGZ0&t=1s)

projeto? Existe ganho em relação à disciplina, ao ambiente escolar, à diminuição de conflitos?

Para o aluno do 3º ano que ainda está em seu início de formação e aprendendo a ler, para ele a mediação “é uma forma de resolvermos as nossas brigas sem brigar com coleguinha e depois pedir desculpas”. (Aluno A, turno: manhã).

Para o aluno do 5º ano “[...] através da conversa torna tudo mais fácil de resolver aquele probleminha que a gente tem com o amigo. [...] eu agora não brigo mais, e ajudo a professora a separar as brigas e depois conversando, assim que faz a mediação”. (Aluno B, turno: tarde).

Foram entrevistadas duas professoras que relataram que alguns alunos que não puderam participar da capacitação pediram para que os colegas ensinassem o que eles tinham aprendido com a mediação. Como afirma a professora do 4º ano “eles chegam com muito entusiasmo para colocar em prática o que eles aprenderam, e se deixarem falam a aula toda sobre o assunto, e os outros ficam agitados perguntando quando vai ser a vez deles”. (Professora A, turno: manhã).

Houve também relatos de professores que não sabiam que estavam acontecendo essas práticas. Como afirma a professora do 7º ano “alguns alunos vieram me pedir para descer que eles estavam fazendo curso e que a psicóloga estava chamando, mais como eu não recebi nenhum aviso não deixei, porque estava tendo revisão de prova e a maioria deles estavam recuperação”. (Professora B, turno: tarde).

Foi percebido que foi a partir desta falta de comunicação que a maioria dos alunos não queria mais participar das reuniões. De acordo com a aluna do 7º ano, “[...] a gente queria ter vindo, mais se viesse ficava com falta. [...] isso de a diretora não subir para avisar as coisas ao professor, acaba prejudicando a gente que quer participar”. (Aluno C, turno: tarde).

A falta de diálogo na escola inibe o aluno a falar sobre algum problema que ele está passando. Em uma das poucas reuniões, os alunos falaram de forma unânime que alguns professores não permitem que eles falem durante as aulas, porque só ia “atrapalhar” a explicação que eles estavam dando, e que eles (alunos) só abrem a boca para fazer “gracinhas”.

Sabemos das dificuldades existentes que os educadores têm no dia a dia nas escolas, mais o medo de enfrentar os professores é um dos grandes conflitos internos por parte dos alunos. Então, de acordo com Nunes (2011) é evidente que o educador deva aperfeiçoar a comunicação positiva e o relacionamento construtivo visando a



melhoria das relações interpessoais. E o autor reitera afirmando que “Além das palavras, temos também outros elementos. [...] também nos comunicamos através das emoções, através do sorriso, do olhar, do vestuário, do gesto, entre outros fatores, que muitas vezes são relevantes que as próprias palavras” (2011, p.65).

Diante disto, faz-se necessário promover mais diálogos entre alunos e professoras, para que juntos cresçam de forma integrada e que as aulas fluam de forma mais leve e dinâmica.

O projeto de mediação prosseguirá, tentando ser implementado, mas por causa do prazo desse trabalho, não foi possível concluir a implementação prática. Diante disso ficou acordado com a representante da escola e com os alunos mediadores, que as praticas de mediação seria retomada no segundo semestre deste ano. Assim, dará tempo para a escola articular e preparar a sala para acontecer à mediação e fixar os horários para os alunos atuarem, de forma que todos que fizeram a capacitação possam mediar os conflitos da escola.

Segundo Ligia, que é psicóloga, mediadora, facilitadora de círculos de diálogo e representante da escola nesse projeto, “farei o possível para que esse projeto vá em frente, pois não se pode perder uma ferramenta tão rica como esta, onde podemos acabar com os conflitos a partir do diálogo e da escuta ativa de modo não violento”.

É necessário uma conscientização dos professores, gestores e equipe técnica das virtudes da mediação, o que se tentará fazer a partir de agora, para diminuir os problemas de implementação inicial, é uma reunião de emergência entre a gestão e professores para articularem os horários que os alunos praticariam a mediação, de forma que não atrapalhe as aulas dos professores e nem o rendimento do aluno, comprometimento da equipe de mediadores, e o apoio de todo o corpo escolar nesse projeto, para que venha colher frutos futuros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo Cunha e Lopes (2001) Todos os seres humanos, enquanto seres sociais podem vir a lidar com conflitos todos os instantes, pois podem vir a surgir praticamente em todas as relações que se estabelece na vida social. Para analisar o impacto destes conflitos, faz-se necessário descrever o contexto em que se insere o conflito.

A mediação escolar não é apenas uma técnica que promove o diálogo, mais também a cooperação entre os alunos, contribuindo de forma eficaz para o crescimento individual e coletivo, emancipando-os. É neste sentido que o presente trabalho analisa práticas e estruturas de resolução e transformação que representam uma contribuição indispensável para melhorar o ambiente de aprendizagem, e para uma melhor vivência em sociedade.

Diante de um tema tão profundo, percebe-se que as principais causas dos conflitos dentro das escolas estão na forma como eles são administrados, ou até mesmo ignorados, tanto pelos alunos, como também pelo próprio corpo profissional da escola. Problemas relacionados à *bullying*, a cor, raça, religião e até mesmo desajustes familiares, contribuem na ocorrência de conflitos dentro da escola e acabam extrapolando os limites de violência extrema. Entretanto, problemas de interação entre profissionais da escola, gestores, técnicos, professores, funcionários e alunos, muitas vezes, cria conflitos além dos que vem da origem dos alunos, e também devem ser tratados.

É visto que se faz necessário à construção do diálogo por parte dos gestores, professores, alunos e até mesmo os familiares para minimizarem esses problemas. Embora a escola e os alunos reconheçam a existência da violência e dos conflitos, esta é minimizada através da mediação como uma ferramenta efetiva para a transformação do conflito e a restauração das relações, mantendo assim o ambiente escolar favorável e pacífico.

Apesar de não está concluída a pesquisa, percebeu-se que os alunos estão colocando em prática o que aprenderam durante a capacitação, pois muitos deles já fazem mediação com seus pares, mesmo que de forma moderada e sem a interferência de alguém da direção ou mesmo a representante da escola nesse projeto. Dessa forma, sente-se mais emancipados e preparados para serem os agentes da paz e disseminador da cultura de paz em seu meio de vivência<sup>14</sup>.

A proposta da mediação escolar através desse projeto compromete-se com a educação para a paz, em um sentido mais amplo, em que os alunos juntos com a comunidade escolar conseguirão transformar o seu contexto. Diante disto, percebe-se que a mediação é de fato uma ferramenta que acrescentaria muito nas práticas

<sup>14</sup> Segundo relatos da representante da escola e psicóloga Ligia.

pedagógicas da escola por trabalhar diversos aspectos não só dentro da escola mais no âmbito familiar e social, sendo eficaz quando posta em prática de maneira correta, conforme explicado nos relatos da escola.

No decorrer desse tempo em que estive atuando e pesquisando na escola, percebi que é um tempo bastante pequeno para estudar os espaços escolares de forma integrada, então imagine se tivesse que incluir os espaços foras da escola que muitas vezes são deixados de lado. E esses espaços também contribuem para a formação do aluno, tanto de forma positiva como também de forma negativa. Diante disto, faz-se necessário aumentar o comprometimento por parte da escola em fechar parcerias com alguns membros da comunidade. E, assim, promover diálogos sobre a cultura de paz entre a escola e a comunidade na qual está inserida, para que haja uma maior integração reduzindo assim o alto grau de violência dentro e fora da escola.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Eduardo Vasconcelos; GUIMARÃES, Paulo Mesquita. **Mediação como forma alternativa de resolução de conflitos.** Disponível em <<http://www.arcos.org.br/artigos/mediacao-como-forma-alternativa-de-resolucao-de-conflitos/#topo>> Acesso em 06 de abril 2018.

BEUST, Luis Henrique, **A educação para a ética e a cultura de paz.** Salvador: INPAZ, 2003, p.197-241. In: MILANI, Feizi M., JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (Org.). *Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas.* Salvador: INPAZ, 2003.

BEZERRA, S. M. A. (2008). **Educação em direitos humanos e a mediação escolar como instrumento que possibilita a prática do aprendizado em direitos humanos. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Jurídicas.** Unifor – Universidade de Fortaleza. Acessado em 02/04/2018. Disponível em <[http://www.dhnet.org.br/dados/dissertacoes/edh/disserta\\_bezerra\\_edh\\_mediacao\\_escolar.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/dissertacoes/edh/disserta_bezerra_edh_mediacao_escolar.pdf)>

BUSH, Robert A. Baruch; FOLGER, Joseph P. **The promise of mediation: the transformative approach to conflict.** San Francisco: Jossey-Bass, 2005.

CARVALHO, Lúcia Helena de. **Educação para a paz – uma alternativa para os desafios da educação.** UNAR (ISSN 1982-4920), Araras (SP), v. 5, n. 1, p. 17-28, 2011. Acessado em 05/04/2018. Disponível em <[http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol5\\_n1\\_2011/2\\_educacao\\_para\\_a\\_paz.pdf](http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol5_n1_2011/2_educacao_para_a_paz.pdf)>

PROJETO ESCOLA DE MEDIADORES. **Cartilha de mediadores: como montar este projeto na minha escola?** Equipe: Viva Rio/Balcão de direitos. 2002. Acessado em 28/05/2018. Disponível em <[http://www.cnmp.mp.br/conteate10/pdfs/tema4\\_cartilha-mediadores.pdf](http://www.cnmp.mp.br/conteute10/pdfs/tema4_cartilha-mediadores.pdf)>.

CHRISPINO, Alvaro. **Gestão do Conflito Escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação.** Ensaio: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro, v.15, n.54, p. 11-28, jan./mar. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554>> acesso em 27 de abril de 2018.

Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo. – Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010. p.256 ISBN: 978-85-7652-133-4. Acessado em: 02/02/2018. Disponível em <<http://comitepaz.org.br/index.php/cultura-de-paz-da-reflexao-a-acao/>>

CUNHA, Pedro. LOPES, Carla. Em torno do conceito de mediação: algumas ideias de base. 2001, p.151-160. *Antropológicas*. Nº5. Acessado em: 29/05/2018 Disponível em <<http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/910/912>>

EEFM Matias Beck. **Alunos da Escola Matias Beck participam de oficina sobre conflito, violência e ato infracional.** 2016. Disponível em: <<https://efmmatiasbeck.wordpress.com/page/3/>>. Acesso em: 10 de setembro de 2017.

\_\_\_\_\_. **Inauguração da Sala de Mediação no MB.** 2016. Disponível em: <<https://efmmatiasbeck.wordpress.com/page/3/>>. Acesso em: 10 de setembro de 2017.

FEITOSA, Raphael Alves, FEITOSA, Viviane Alves de Oliveira. **Educação voltada para um ambiente de paz: uma análise dos documentos da UNESCO**. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores (CBJE), 2013. 90 p. ISBN: 978-85-413-0273-9. Acessado em 02/04/2018. Disponível: <<https://books.google.com.br/books?id=la8Tkjtkx0C&pg=PA35&lpg=PA35&dq=paulo+freire+um+dos+principais+educadores+que+os+pesquisadores+da+paz+utilizam+em+suas+an%C3%A1lises+da+educa%C3%A7%C3%A3o&source=bl&ots=mv4Tbxbb1l&sig=aV8xDV65ODsf3A9CMezJAP7meWk&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjXh72Xp-jaAhWJzFMKHX9OC80Q6AEIKDAA#v=onepage&q=paulo%20freire%20um%20dos%20principais%20educadores%20que%20os%20pesquisadores%20da%20paz%20utilizam%20em%20suas%20an%C3%A1lises%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o&f=false>>

FREIRE, Ana Maria Araújo (Nita). **Educação para a paz segundo Paulo Freire**. Educação, Porto Alegre – RS, ano XXIX, n.2 (59), p. 387-393, Maio/Ago. 2006. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/449/345>

GALTUNG, Johan. **Transcender e Transformar: uma introdução ao trabalho de conflitos**; tradução de Antonio Carlos da Silva Rosa. São Paulo: Palas Athena, 2006. Título original: Transcend and transform: an introduction to conflict work. ISBN 85-7242-060-6.

\_\_\_\_\_. (1969). **Violence, Peace, and Peace Research**. Journal of Peace Research, 6(3): 167-191.

GUZMÁN, Vicent Martínez, **O reconhecimento como transformação de conflitos**. Salvador: INPAZ, 2003, p.245-265. In: MILANI, Feizi M., JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (Org.). Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: INPAZ, 2003.

ÍNDICE DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA: IHA 2014. Organizadores: Doriam Luis Borges de Melo, Ignácio Cano - Rio de Janeiro. Observatório de Favelas, 2017. 108p. II (mapas e gráficos); ISBN: 978-85-93412-02-8. Acessado em 03/04/2018. Disponível em <<https://secure.unicef.org.br/campanhas/wp-content/uploads/2017/10/livro-iha-2014.pdf>>.

LEDERACH, J. P. 1997. **Building Peace.Sustainable Reconciliation in Divided Societies**. Washington, D.C.: United States Institute of Peace Press.

LIMA, Vitoria-Regia Rodrigues. **Mediação de Conflitos no Ambiente Escolar: uma questão para a gestão-escolar**. p.1-62. Fortaleza, 2010. Disponível em <[http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/379/Lima\\_Vitoria-Regia\\_Rodrigues.pdf?sequence=1](http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/379/Lima_Vitoria-Regia_Rodrigues.pdf?sequence=1)> acesso em 27 de abril de 2018.

LUZ, Araci Asinellida. **Planejando a cultura de paz e a prevenção da violência na escola**. Salvador: INPAZ, 2003, p.159-171. In: MILANI, Feizi M., JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (Org.). Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: INPAZ, 2003.

MADEIRO Carlos. **Homicídios de jovens no Nordeste dobram em uma década; Unicef vê cenário "assustador"**. 2017. Acessado em 03/05/2018 Disponível em

<<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/10/11/no-nordeste-ih-tem-aumento-assustador-e-dobra-em-uma-decada.htm>>

MALDONADO, Cecilia García. **Abordaje cooperativo y pacífico de conflictos en la. -** 1a ed. - Buenos Aires: Ministerio de Educación - Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, 2010.

MATOS, Kelma Socorro de. **Juventudes e cultura de paz: dialogo de esperança.** Linguagens, Educação e Sociedade, Teresina, v.12, n. 16, p.65-70, jan./jun.2007.

MILANI, F. M. **Cultura de paz x violências: papel e desafios da escola.** Salvador: INPAZ, 2003, p. 31-60. In: MILANI, Feizi M., JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (Org.). **Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas.** Salvador: INPAZ, 2003.

\_\_\_\_\_. **De espectadores a protagonistas da cultura de paz.** In: **Balestreri, Ricardo Brisolla. (Org.).** Na inquietude da paz. Porto Alegre: Edições CAPEC, 2003, v. , p. 13-31.

\_\_\_\_\_; JESUS, Rita de C. D. **Pereira de. Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas. (Org.).** – Salvador: INPAZ, 2003. 356 p. il. ISBN 85-86268-32-1

NUNES, Antonio Ozório. **Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores.** São Paulo: Contexto, 2011. ISBN 978-85-7244-641-9.

OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO. **EEFM Matias Beck – Clima Escolar: Mediação de Conflitos.** 2017. Disponível em: <<https://observatoriodeeducacao.org.br/banco-de-praticas/eefm-matias-beck-clima-escolar-mediacao-de-conflitos/>>. Acesso em: 10 de setembro de 2017.

OLIVEIRA, Ariana Bazzano de. **Direitos Humanos e Cultura de Paz.** In: **Serviço Social em Revista.** Londrina-PR. v.8, n.2, Jan/Jun 2006. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v8n2.htm>>.

OLIVEIRA, Simone Barros; CORREIRA, Laíza Belem. **Educação para a Paz: construto histórico.** p.12-21. In: **Experiencia Interdisciplinar em Educação e Direitos Humanos: cultura de paz em perspectiva.** Publicação coletiva: Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em <[https://books.google.com.br/books?id=p5UTCwAAQBAJ&pg=PT22&lpg=PT22&dq=Educa%C3%A7%C3%A3o+para+a+Paz:+sentidos+e+dilemas+pdf&source=bl&ots=GhSso5G-A4&sig=RU6ePDWew19-8d4TZbh\\_a\\_ggJTo&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi\\_8-KDxfbaAhWPI5AKHZBQBFEO6AEIWDAG#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=p5UTCwAAQBAJ&pg=PT22&lpg=PT22&dq=Educa%C3%A7%C3%A3o+para+a+Paz:+sentidos+e+dilemas+pdf&source=bl&ots=GhSso5G-A4&sig=RU6ePDWew19-8d4TZbh_a_ggJTo&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi_8-KDxfbaAhWPI5AKHZBQBFEO6AEIWDAG#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 05 abril de 2018.

PORTANOVA, Rutha. **A educação matemática e a educação para a paz.** **Educação.** Porto Alegre, v. XXIX, n.2 (59), p.435-444, 2006. Acessado em: 05/03/2018. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/452/348>>

RABBANI, Martha Jalali, **Educação para a paz: desenvolvimento histórico, objetivos e metodologia.** Salvador: INPAZ, 2003, p.63-95. In: MILANI, Feizi M., JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (Org.). **Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas.** Salvador: INPAZ, 2003.



SALES, Lília Maia de Moraes ; ANDRADE, L. S. . **A Mediação de Conflitos e o Direito: desenvolvendo Habilidades a essa Nova Realidade.** PRIM@ FACIE , v. 16, p. 1-29, 2017.

\_\_\_\_\_. **Mediação de conflitos escolares - uma proposta para a construção de uma nova mentalidade nas escolas.** Pensar (UNIFOR) , Fortaleza, v. 9, p. 89-96, 2004.

SALES, Lilia Maia de Moraes. **Mediare: um guia pratico para mediadores.** 3. ed. rev. atual. eampl. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2010.

\_\_\_\_\_; ALENCAR. **Emanuela Cardoso de Onofre.** A mediação escolar como meio de promoção da cultura da paz. In: I Seminário Distrital de Convivência Escolar / Violência nas Escolas, 2007, Brasília. Acessado em: 17/09/2017. Disponível em: <<http://gajop.org.br/justicacidade/wp-content/uploads/MEDIA%C3%87%C3%83O-ESCOLAR-COMO-MEIO-DE-PROMO%C3%87%C3%83O-DA-CULTURA-DA-PAZ.pdf>>

SANTOS, Sofia José. **Media para a paz e peacebuilding: uma critica à intervenção internacional.** Univ. Rel. Int., Brasília, v. 8, n. 2, p. 137-162, jul./dez. 2010.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE CEARÁ. Governo do Estado inaugura salas de mediação em escolas da rede. 2016. Disponível em: <<http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/200-noticias-2016/10961-governo-do-estado-inaugura-salas-de-mediacao-em-escolas-da-rede>>. Acesso em: 10 de setembro de 2017.

SLEMIAN, Adriana. **Educação para a paz: valores morais aplicados a educação.** Encontros: Revista de pedagogia, Santo André, v.13, n.19, p.9-32, 2010. Acessado em: 05/04/2018. Disponível em <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/viewFile/2515/2407>>

UNESCO. Disponível em <http://www.unesco.org.br/programas/index.html>. Acesso em fevereiro 2018.

\_\_\_\_\_. **Kit de informação sobre o Movimento Global para o Ano Internacional da Cultura de Paz.** 1999. Brasília

\_\_\_\_\_. **Kit de informação sobre o Movimento Global para o Ano Internacional da Cultura de Paz.** 1999. Brasília. Mimeo.

WAISELFISZ, Julio Jacobo **Mapa da violência 2011: os jovens no Brasil** /Julio Jacobo Waiselfisz. -- São Paulo: Instituto Sangari ; Brasília, DF : Ministério da Justiça, 2011. Acessado em 03/04/2018. Disponível em <<https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2011/MapaViolencia2011.pdf>>.

WARAT. Luís Alberto. **Em nome do acordo.** A mediação no Direito. Florianópolis: Almed: 1998.